

"Tentando definir o pensamento de Lina, em seu eixo central, talvez possamos resumir tudo numa fórmula: A arquitetura se integra ao urbanismo e o urbanismo se resolve na dimensão antropológico-humanista" [16].

## ANTROPOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE

O que é perceptível, de imediato, analisando a trajetória do estudo e da proposta de Redig até os dias de hoje, é que há uma sintonia de visões com relação aos eixos temáticos, que, como citado, permanecem válidos e atuais. A grande maioria dos artigos revisados nesta análise versa sobre questões tecnológicas e ecológicas, independente do tema de enfoque. O início do século XXI, consolidou a expansão e importância da tecnologia e da inovação, que alcançaram todos os setores da sociedade contemporânea e do Design. A tecnologia 'monopolizou' a civilização, mas ao mesmo tempo criou uma dicotomia com as questões da ecologia que eclodiram com as problemáticas do esgotamento produtivo, da sustentabilidade, do clima e dos resíduos. A sociedade tornou-se mais alerta para a consciência social e ambiental. Como versado, em tempos de globalização, virtualização e cibercultura, a percepção, a interação e a composição cultural e social dos povos passou por modificações, diminuiu fronteiras físicas e virtuais, mas, ao mesmo tempo os afastou, sob outros aspectos. Expôs uma diversidade de interesses, objetivos, noções de bem-estar, necessidades, expectativas, gêneros e outros anseios das novas sociedades. No entanto, o contexto antropológico não se modificou. Apenas incorporou novos capítulos e paradigmas. Sob a ótica de [18], numa opinião mais restritiva, só existe uma Antropologia, e ela não se modificará e não irá se modernizar, a não ser que o próprio conceito antropológico se modifique.

Novos conceitos aplicáveis aos que já existem no Design vêm acrescentando paradigmas que englobam os avanços tecnológicos no mundo contemporâneo. Lévy analisa a composição da nova sociedade "virtualizada", da cibercultura e do ciberespaço. O filósofo, denominado o "profeta da

cibercultura" [11, 19], e estudioso da antropologia moderna na contemporaneidade acredita, numa visão otimista, na democratização da informação de forma natural, numa organização social mais democrática e inclusiva, onde o saber constrói identidades [19]. Esse alcance se dá pelo que ele define como inteligência coletiva, uma espécie de "inteligência distribuída em toda parte" [14]. Sob outro ponto de vista, Latour alimenta uma visão áspera, diminui importâncias dadas às novas comunidades por outros pensadores, e entende que 'coisificamos'<sup>2</sup> novos códigos e produtos para criar uma nova história, e afirma que "jamais seremos modernos", pois a modernidade não ocorre num período único, ela se sucede incessantemente, existindo historicamente várias modernidades [18]. Em suma, na compreensão de Latour a ciência é apenas a história social das coisas:

"Se os humanos fazem as coisas, também as coisas (os objetos, os não-humanos, ou melhor, os "quase-sujeitos", "quase-objetos", na terminologia do autor) fazem os humanos. Ou ainda: "há tanto uma história social das coisas quanto uma história 'coisificada' dos humanos" [18].

Lévy, por sua vez, acredita e propõe pensar em termos de projeto, além do impacto das técnicas sobre a sociedade. Os novos meios de comunicação permitem aos grupos humanos depositar seu saber em comum e seu imaginário. Numa outra perspectiva, Kim define que a Antropologia evoluiu para uma relação com o intangível [20], em "The human factor: revolutionizing the way people live with technology" encontrado em [21], e sugere a ideia de uma antropologia tecnológica. Conforme outro ponto de vista, segundo [19], o futuro antropológico será formado pelo coletivo inteligente, uma forma de 'democracia em tempo real', com a ética da hospitalidade, a estética da invenção e a economia das qualidades humanas. A partir desta hipótese, Lévy conclui e intui um futuro pautado num projeto de inteligência coletiva com perspectiva antropológica de longa

<sup>2</sup> "Coisificar" de "coisificação", in [22] 'Coisificar' = objetificar, reificar; termo utilizado por [18] LATOUR, B., 2001, "A esperança de Pandora – ensaios sobre a realidade dos estudos científicos", Edusc, Bauru, pp.32.